

*John Walsh hoje no estúdio de 'America's Most Wanted'*

# Lágrimas *de* raiva

JOHN WALSH E  
SUSAN SCHINDEHETTE

Pela primeira vez, com coragem e penosa honestidade, John Walsh conta toda a história da tragédia ocorrida com sua mulher, Revé, e ele. Jovens, bem-sucedidos, levavam uma vida aparentemente idílica no sul da Flórida quando, de repente, o mundo foi arrasado pelo ato hediondo de uma pessoa desumana. Isso poderia tê-los destruído. Em vez disso, transformou-os.

**Q**UANDO ME levantei por volta das sete horas, naquela manhã de verão em 1981, meu filho Adam ainda dormia. Eu ficara aborrecido com seu padrinho, Jimmy Campbell, que o levara ao cinema na noite anterior e ficara com ele até tão tarde. Mal tive tempo de lhe dar um beijo de boa-noite, sem lhe contar nenhuma história.

Geralmente, quando chegava em casa do trabalho, à noitinha, costumava ler para Adam e lhe contar histórias que inventava. Foi assim que surgiram Bobby e seu fiel cão Sparky. Bobby era um garotinho da idade de Adam – 6 anos –, menino valente e prestativo.

E por pior que ficasse a situação para Bobby e Sparky, o pai sempre aparecia a tempo de salvá-los. O pai sempre estaria lá.

As lições que tentei ensinar diziam que, em qualquer emergência, é preciso usar a cabeça, poupar energia e agir corretamente. Não que eu pensasse que isso seria problema para Adam. Ele era cauteloso por natureza, nunca se apavorava e mantinha o controle.

Ouvi dizer que os budistas acreditam que certas pessoas possuem o que chamam de almas “velhas”, como se já tivessem estado na Terra muitas vezes. Adam era assim: pequena alma velha.

Apesar disso, minha mulher e eu éramos muito cuidadosos com ele. Nós o levávamos e buscávamos na escola todos os dias. Não podia ir ao parque sozinho nem andar de bicicleta fora de casa. Ao atravessar a rua, íamos

de mãos dadas. E, caso algum dia se perdesse, havíamos lhe ensinado pontos de referência – o campo de golfe, a mercearia – para que pudesse encontrar o caminho de casa.

Isso era engraçado, pois eu gostava de esportes perigosos e sempre me senti protegido. Pode-se dizer que era a invulnerabilidade da juventude, ou algo semelhante. Sempre achei que nada poderia ocorrer comigo. Mas quando Adam nasceu, tudo mudou. Conheci novo medo – e era o maior de todos: de que alguma coisa pudesse lhe acontecer. Estava inteiramente despreparado para esse sentimento.

A maior parte do tempo isso ficava no meu subconsciente. Em primeiro plano estava a alegria que sentíamos como família. No Dia das Bruxas, por exemplo, fazíamos grande festa em casa e nos orgulhávamos de confeccionar nossas próprias fantasias. Nunca as comprávamos prontas.

Em certo ano, Adam quis ser um esqueleto. Revé, minha mulher, vestiu-o com malha preta, o fez deitar-se no chão da sala e começou a pintar ossinhos sobre a roupa. Não usou figuras como guia, dizia apenas: “Vamos ver... O osso do pé é ligado ao osso do tornozelo...”

Ficou tão absorta com a pintura que, quando terminou, Adam tinha adormecido profundamente, ali mesmo no chão, com todos os ossinhos pintados.

Com muito jeito, ela o acordou.

– Adam, mamãe já acabou. Acorde, querido.

Revé diz que nunca se esquecerá da

expressão dele. Olhou para baixo e, ao ver o que ela havia feito, arregalou olhos.

– Que legal, mãe! Nossa, que legal!!!

Passsei pela época mais difícil de minha vida quando Adam era pequeno. Tinha de viajar muito a negócios. Naquela ocasião, era sócio de uma firma chamada Diversified Marketing, trabalhando para criar pequena companhia regional de aluguel de carros, a Alamo. Trabalhava 70 horas por semana, viajando muito e sob muita pressão. Detestava ficar afastado de meu filho.

Eram tempos difíceis para ele e para meu casamento, provavelmente muito mais do que percebi na época. Não que houvesse propriamente mal-estar entre mim e Revé. Mas, depois de quase dez anos de casados, tudo entre nós parecia ter caído na rotina.

Então arranjei outro trabalho, num escritório perto de casa. Larguei a empresa Diversified Marketing e passei a vice-presidente e diretor de marketing de uma sociedade que estava criando local de veraneio em Paradise Island. Levava Adam para o trabalho comigo e instalei uma pequena escrivaninha no escritório para que ele pudesse “fazer de conta”. Ele tinha uma lista de coisas a fazer e falava comigo o tempo todo,



*Adam, aos 4 anos, navegando com o pai*

de sua escrivaninha. O menino adorava aquilo. Sempre que me ligava de casa, pedia que a secretária chamasse o “senhor John Walsh”.

O novo trabalho também significava que eu não trabalhava de segunda a segunda, 52 semanas por ano. Passava mais tempo em casa e vi que isso fez diferença no relacionamento com Revé. Comemoramos felizes nosso décimo aniversário de casamento, no dia 10 de julho de 1981. Sentia que éramos de fato uma família.

Assim, quando saí para o trabalho naquela manhã de 27 de julho, aguardava com prazer a hora da volta, à noite. Estaria com Adam, talvez atrasado para o jantar, mas com bastante tempo para brincar com ele antes que fosse dormir. Pela primeira vez na minha vida, estava tudo em paz.

## “Viu meu filho?”

**M**AIS TARDE, nessa mesma manhã de segunda-feira, Revé fez Adam se levantar e se vestir para sair com ela. Tínhamos falado em comprar um par de luminárias de metal que estavam à venda na Sears.

Enquanto ela arrumava as camas e lavava a louça do café da manhã, Adam ficou na sala assistindo à *Vila Sésamo*. Revé lhe deu as roupas que deveria vestir – *short* verde e camiseta de manga curta. Pôs também seu chapéu favorito, um que eu havia escolhido para ele. Era um quepe de capitão cor creme, grande demais para sua cabeça. Ele gostava de usá-lo puxado por cima das orelhas.

Revé e Adam saíram de casa pouco depois das 11 horas. Eis do que ela se lembra sobre o restante do dia:

REVÉ: Fomos ao centro comercial, a cerca de um quilômetro e meio de distância. Estacionei no local de sempre. Peguei a mão de Adam para atravessarmos o estacionamento até a entrada do lado norte, como de costume. Entramos na loja pela porta norte, direto na seção de brinquedos. Bem no centro estava a grande atração, um monitor de televisão exibindo jogos de computador. À época, a última novidade.

Estávamos nas férias de verão e as crianças iam e vinham entre o *shopping* e o parque ao lado. Algumas estavam de pé junto dos jogos, brincando com o *joystick*. Adam pediu para ficar e jogar também.

Era esse o ritual: entrar pela porta

norte e Adam me pedir para deixá-lo jogar o *video game*.

A seção de luminárias ficava no lado oposto à seção de brinquedos. Do *video game* até lá eram cerca de 20 metros – fora do alcance da vista, mas não muito longe.

– Está bem. Vou à seção de luminárias um instante. Não saia daqui.

Mostrei a ele onde eu estaria. Ele concordou.

– Tudo bem, mamãe. Sei onde é.

A loja não tinha as luminárias no estoque. Deixei meu nome e telefone com a vendedora e voltei para os brinquedos. Só tinha me ausentado alguns minutos. Cinco. Talvez dez. Mas quando voltei, não vi Adam.

Primeiro, pensei que talvez estivesse num dos outros corredores. Chamei-o, mas não tive resposta. Então comecei a sentir algo estranho. Não foi só por não ver Adam. Parecia que de repente todos tinham desaparecido. Um minuto antes havia muitas crianças ali, acotovelando-se. Agora nem mesmo o *video game* fazia barulho. Subitamente tudo parecia tão silencioso...

Percorri os corredores – a loja não era grande –, mas não consegui encontrar Adam. Aí vi um menino com chapéu como o que meu filho estava usando. Fui até ele.

– Viu um menino com chapéu igual ao seu?

Ele fez que sim e pensei: *Ufa!*

– E onde ele está?

O menino não falou nada, só apontou para uma das portas. Não a entrada norte, que usamos sempre, mas a entrada oeste, do outro lado da seção de brinquedos.

Não fazia sentido pensar que Adam tivesse saído pela porta oeste. Nunca a usávamos.

Voltei aos brinquedos e falei com uma funcionária.

– Viu meu filho? Estava aqui há um minuto.

Ela disse que não.

Então comecei a perguntar às pessoas, a quem encontrasse. Mas todos davam as mesmas respostas.

– Ora, ele provavelmente está andando por aí.

– Talvez tenha ido procurá-la.

– Bem, sabe como são as crianças. Pode ter saído junto com as outras.

Eu insistia.

– Não estão entendendo. Meu filho não anda por aí.

Enquanto isso, um medo horrível tomava conta de mim. Havia algo errado. Estava certa disso. No entanto, ninguém parecia acreditar em mim. À minha volta, vendedoras continuavam a atender os fregueses como se nada tivesse acontecido. Eu tentava escolher palavras que pudessem convencê-las de que algo estava fora do normal.

Encontrava-me no meio da loja, sozinha, tentando decidir o que fazer, percorrendo o local com os olhos. Então, olhando para além da seção de jardinagem, vi entrar a avó de Adam, mãe de John. *Graças a Deus! Ah, graças a Deus*, pensei, *Adam está com ela*.

Corri para a calçada.

– Viu Adam?

Ela pareceu espantar-se.

– Não... ele não está com você?

– Não consigo encontrá-lo em lugar nenhum. Estava comigo, mas agora desapareceu.

Juntas, começamos a percorrer todo o centro comercial. Entrei e saí correndo de cada loja, o mais depressa que consegui. De repente, parei. *Ele nunca andaria por aqui sozinho*, pensei. *Não está neste shopping. Sei disso*.

Senti o pânico aumentar e lutei contra isso. Tinha de me controlar. Adam havia sumido e eu não conseguia encontrá-lo. Dizia para mim mesma: *Não fique histérica. Tem de manter a calma. Você é responsável*.

Então me lembrei. *Ah, meu Deus, o retrato*. Possuía a foto de Adam na carteira, da turma da primeira série, usando a mesma camisa que vestia nesse dia. Comecei a mostrá-la a todos.

– Vejam, aqui está uma foto dele. Olhem.

– Sinto muito.

– Não o vi.

– Não. Não está aqui.

Voltei à seção de brinquedos e tornei a procurar por toda a parte. Percorri novamente os corredores. Pedi a um funcionário para chamar meu filho pelos alto-falantes.

“Adam Walsh. Favor procurar sua mãe na seção de brinquedos.” Nada.

Por quanto tempo se fica parada como idiota dizendo “meu filho sumiu”? A essa altura, eu e a avó já estávamos procurando havia duas horas. Tínhamos olhado tudo, na loja e no centro comercial. Corri ao estacionamento para verificar no carro. Duas vezes. Já era óbvio que precisávamos de ajuda.

Por fim, alguém chamou a polícia. A Delegacia de Polícia de Hollywood ficava do outro lado da rua. Minutos depois, radiopatrulhas chegaram lentamente. Guardas fizeram algumas

perguntas sobre Adam e disseram que enviariam aviso geral de alerta.

Eu continuava a achar que ninguém estava realmente agindo. Saí e olhei dentro dos latões de lixo. Andei em volta do *shopping* e espiei em todos os carros do estacionamento.

Não me lembro exatamente de quando John chegou lá. Recordo-me da moça que se aproximou de mim na loja. Parecia ser da segurança. Era jovem – tinha talvez uns 17 anos – e estava muito nervosa.

– Puxa, senhora Walsh, não sei mesmo se era seu filho ou não. Não sei se ele era um dos meninos que expulsei da loja.

Eu não sabia do que ela estava falando.

### ***Pesadelo desperto***

**S**EGUNDOS DEPOIS de atender ao telefonema de Revé eu estava no carro, disparando para o centro comercial. Entrei às pressas no estacionamento. Quando cheguei à loja, vi Revé de costas e chamei-a. Quando se virou, seu rosto estava pálido. Os olhos tinham expressão terrível, desesperada.

Abraçando-a, passei à minha atitude nas crises. *Pense com calma*, disse comigo mesmo. Procurei o policial fardado no comando. “Quem viu o quê? Onde já procuraram? Quem está fazendo o quê e onde e como estão fazendo?”

Durante toda a vida eu tinha cuidado de minha família. Era a pessoa mais indicada para resolver qualquer problema. Entretanto, na segunda-feira, 27 de julho de 1981, comecei a

saber o que eram de fato medo e impotência.

Na mesma tarde, Revé e eu fomos ao distrito policial de Hollywood. Lá, detetives nos fizeram numerosas perguntas. Eu lhes fiz outras tantas.

Sabia, como Revé, que Adam não tinha simplesmente saído andando por ali. Não era esse tipo de menino. Eu pensava: *Está tentando encontrar o caminho, mas nunca voltou para casa a pé, de lugar algum. Não sabe onde está.*

Exausta, Revé voltou para casa. Fiquei no distrito, aguardando notícias até bem depois do anoitecer. Por fim, tarde da noite, resolvi que era hora de ir para casa.

Quando saí do prédio com ar condicionado, a noite me pareceu quente e abafada. Não havia a menor brisa. Do centro comercial até nossa casa a distância era de mais de um quilômetro e meio, mas eu não quis ir de carro. Queria andar, refazer o que poderiam ter sido os passos de Adam.

Lembro-me de que, o tempo todo, só havia uma idéia na minha cabeça: a de que era tarde da noite, havia estrelas no céu e, pela primeira vez na vida, a mãe de meu filho não sabia onde estava seu menino.

Quando cheguei, havia muita gente em casa. Durante o dia, alguém tinha ligado para uma estação de rádio e comunicação sobre Adam havia sido irradiada. Motoristas de caminhão espalharam a notícia em suas faixas do cidadão. Pessoas que souberam do desaparecimento de Adam o procuraram pelos quintais e latões de lixo, debaixo de carros e nos canais. A polícia fez buscas com cães farejadores, um

barco cobriu as vias navegáveis e um helicóptero de resgate sobrevoou a área, com o farol virado para o solo.

Começaram a chegar indícios e informações. Os telefones tocavam sem parar, tanto no distrito quanto em nossa casa. Do oeste de Palm Beach a Miami chegavam notícias de pessoas que pensavam ter visto Adam. Mas ninguém o viu de verdade.

Revé e eu fomos à estação de TV local pedir informações sobre Adam. Depois voltei ao distrito, onde aconteceu o mais assustador. Fui lá na esperança de ouvir alguma notícia e saber dos progressos feitos durante a noite, mas não havia nada. Em vez disso, os policiais começaram a perguntar *a mim* o que eu achava que deveriam fazer. “Tem alguma idéia, John? Algo que ainda não tentamos?”

A polícia tinha entrevistado uma segurança da Sears – a adolescente que falara com Revé. Ela disse que, no dia do desaparecimento de Adam, havia quatro meninos, dois brancos e dois negros, brincando com o *video game* na seção de brinquedos. Eles tinham começado uma confusão. Ela separou os garotos, mandando os brancos saírem pela porta oeste e os negros pela porta norte. Não tinha certeza, mas achava que o mais novo dos brancos podia ser Adam.

Se Adam houvesse sido expulso pela porta oeste, teria ficado inteiramente desorientado, pois a única entrada que



*Semanas antes da tragédia, Adam posa, orgulhoso, para a foto com seu uniforme de beisebol*

conhecia era a norte. Se tivesse sido obrigado a sair da loja, parecia lógico pensar que se algo tivesse acontecido, teria começado dali.

Fizemos um cartaz com a foto de Adam em seu uniforme de beisebol, com bastão e boné vermelho. Era a foto mais parecida com ele.

Havia, porém, outro motivo para a escolha. Eu sabia que um dos fatores mais importantes no cartaz de uma pes-

soa desaparecida era algum sinal de identificação. Mas o quê? Nosso bonito garoto louro era jovem e perfeito. Não tinha a menor cicatriz no corpo.

Só havia um detalhe. A foto que escolhemos tinha sido tirada na semana anterior e ele aparecia sorrindo. Não se podia deixar de notar que, bem no alto, faltava um dentinho.

Sob a foto, incluímos a mensagem: “Estamos dispostos a negociar resgate em **QUAISQUER** termos. Sigilo absoluto. **NÃO TEMAM VINGANÇA!** Só queremos nosso filho.”

No final daquela primeira semana, mandamos imprimir 150 mil folhetos. Um terço deles foi distribuído gratuitamente por certa firma local de entrega postal. As companhias aéreas Eastern e Delta concordaram em enviar o cartaz aos aeroportos de todo o país.

Trabalho de resgate em grande escala foi centralizado na sala de nossa casa, com a participação de amigos, colegas de trabalho e, até certo ponto, da polícia local. Eu comandava tudo.

Não conseguia dormir nem comer. As noites eram os piores momentos. Tentava deitar-me durante algumas horas, mas era atormentado por pesadelos. Depois de uma hora de sono agitado, acordava, ficava deitado por alguns segundos e me dava conta: “Não acabou.”

Ia para o quarto de Adam, sozinho, ajoelhava-me e enfiava o rosto em seus lençóis e travesseiros. Olhava para os brinquedos, querendo desesperadamente estar perto do que tinha estado junto dele. E, no meio de tudo, começava a sentir que talvez nunca mais voltássemos a vê-lo.

Revé e eu não falávamos muito sobre o assunto. Para quê? Cada qual sabia em que o outro estava pensando. Quando conversávamos, só exprimíamos otimismo. “Havemos de tê-lo de volta. Tudo vai dar certo.”

Ela acordava no meio da noite, sem saber se estava sonhando ou acordando para o pesadelo real. E havia os sonhos. Aqueles em que ela via Adam a distância. Ele a chamava, estendendo-lhe as mãos. Mas quando ela chegava junto dele, quando seus dedos quase se tocavam, ele se afastava mais e mais.

### *Revelações chocantes*

**N**O MEIO DA segunda semana, tínhamos transferido o centro das buscas por Adam de nossa casa para o terceiro andar do distrito policial. Certo dia, quando estava no centro de comando, entrou um homem que me foi apresentado como doutor Ronald Wright, médico-legista do condado de Broward.

Alguns detetives e ele me fizeram sentar à mesa e trouxeram grande fichário.

– Esta é a pasta de criminosos sexuais libertados condicionalmente na comunidade.

– Libertam pervertidos sexuais? – perguntei.

Ronald Wright foi o primeiro a falar.

– John, fazem isso o tempo todo. Essa gente cumpre penas leves. Nessa pasta, há homens que já foram presos 14 vezes e libertados. Estão espalhados por toda a cidade de Hollywood.

– O que eles fazem?

– São pedófilos. Estupram meninas e meninos.

Então me entregaram a pasta e perguntaram se eu tinha visto algum daqueles homens na vizinhança, ou perto da escola de Adam. Havia 200 fotos. Muitos tinham rosto de gente comum. Pareciam vovôs. Era evidente que não havia meio de se identificar um molestador de crianças só pelo aspecto.

Por fim, comecei a entender o que tentavam me dizer.

– Um desses monstros pode estar com Adam?

– É – disseram. – Provavelmente foi um deles que o pegou.

Na noite seguinte, por motivos que nem eu entendo, voltei para falar com Ronald Wright. Ele foi direto ao assunto.

– Você tem de aceitar o fato de que Adam pode estar morto. Quem não acredita que o demônio anda por este mundo, não viu tudo o que eu vi. Por exemplo, há quatro garotas no necrotério, todas vítimas de homicídio. Duas foram torturadas de modo extremamente cruel. Suas idades variam de 13 a 16 anos.

Depois, contou-me algo que me deixou pasmo.

– Segundo as leis da Flórida, se ninguém procurá-las depois de seis meses, serei obrigado a enterrá-las.

– Mas alguém as ama, sente falta delas – ponderei.

– Pode ser, mas vou lhe dizer uma coisa – acrescentou. – O estado não tem meios oficiais para descobrir isso. Na Flórida, investigadores trocam informações sobre corpos não identifi-

cados, mas fazem isso somente por iniciativa pessoal. E não é só na Flórida, também nos outros 49 estados.

– Está me dizendo que um país que leva o homem à Lua não tem meios de identificar essas crianças mortas?

– Isso mesmo, John. Não existe um arquivo de “mortos não identificados” – respondeu o doutor Wright. – Se Adam estiver num necrotério em Tallahassee ou em Jacksonville ou no enclave da Flórida, talvez você não saiba disso e ele pode acabar sendo enterrado numa cova sem nome.

Por isso, Ronald me disse, a única opção que eu tinha era expandir a área de nossas buscas.

– Mas já fiz isso. Estive na TV do oeste de Palm Beach.

– E a Geórgia? E Carolina do Sul? Nova York?

Então entendi tudo. Tínhamos de ampliar as buscas ao país inteiro.

### *Em âmbito nacional*

**P**ARA MEU ESPANTO, os policiais estavam muito desconfiados de nosso amigo Jimmy Campbell, padrinho de Adam. Eu o defendia sempre, dizendo à polícia que ele nunca faria nada contra Adam. Jimmy tomara conta dele desde bebê e era treinador de seu time de beisebol.

Mas continuavam a interrogá-lo. Então descobri o porquê: sabiam de algo que eu ignorava. Jimmy Campbell tinha tido um caso com minha mulher.

REVÉ: HOJE não preciso mais de que John me dê a mão em todos os minutos do dia para ter certeza de que me ama.

Mas naquela época, não era assim.

John viajava muito e eu ficava em casa sozinha. De alguma forma, comecei a acreditar que, para atender a certas necessidades emocionais, devia procurar alguém fora do casamento.

Estava enganada. Foi horrível.

Por fim, não suportei mais. Disse a Jimmy que era John que eu amava.



*A foto de Adam preferida por Revé*

Tomei a decisão de recolocar minha vida nos eixos.

Então, duas semanas depois dessa conversa, meu filho desapareceu.

QUANDO REVÉ me contou isso, tomei uma decisão. Disse que não a abandonaria. Não que aquilo não tivesse impor-

tância, mas, comparado com o desaparecimento de Adam, não contava.

Só o que importava para mim ou para Revé, então ou em qualquer outro momento, era nosso filho. E tínhamos de nos concentrar em encontrá-lo. Juntos, Jimmy Campbell representava para a polícia a solução perfeita: Campbell tinha ciúmes de mim, por isso seqüestrou meu filho. Mas eu sabia que isso não levaria a nada.

Foi então que um bom amigo, John Monahan, ligou para um conhecido no governo Reagan. Pediu auxílio ao governo federal. Pouco depois, dois agentes do FBI chegaram ao *bureau* de detetives de polícia de Hollywood.

Quando estive com eles, fiz perguntas.

– O que estão fazendo para ajudar a encontrar meu filho?

– Estamos monitorando o caso, senhor Walsh.

– Por que não estão envolvidos nisso? Por que não auxiliam a polícia de Hollywood?

– Nossa política interna rotineira determina que não nos envolvamos em assuntos locais – responderam.

– Se Adam estiver fora do condado de Broward, não é um assunto local. E se ele estiver fora da Flórida? – perguntei.

Explicaram que, para que se envolvessem oficialmente, deveria haver pedido de resgate ou alguma prova de que Adam tivesse cruzado a fronteira do estado.

Não pude acreditar no que estava ouvindo. A certa altura, estava tão desesperado que cheguei a pensar em forjar o pedido de resgate. Em vez dis-

so, continuei a seguir as regras do jogo.

Nunca desistimos de tentar conseguir a atenção da mídia. Lutamos para obter tempo no ar e cobertura nos jornais. Liguei para os diretores de noticiários nas estações de TV. Liguei para a NBC, CBS, ABC – todo mundo. Mas a resposta era sempre a mesma. “É uma história excelente, senhor Walsh, mas é local.”

Então Bill Frederick, prefeito de Orlando, nos telefonou. Em Orlando, os administradores de Busch Gardens, Circus World e Disney World já tinham colocado 300 seguranças e 20 detetives em alerta. Além disso, voluntários locais estavam cobrindo os parques temáticos em busca de Adam.

Bill estava ligando para dizer que tinha conseguido participação num programa de entrevistas no rádio, onde poderia divulgar o caso de Adam. E perguntava ainda se poderia fazer algo mais.

Resolvemos encontrá-lo em Orlando e seguir com ele para Tampa, onde estava indo chamar a atenção para o caso de outra criança, desaparecida lá. Em 5 de agosto, o grupo que incluía Charlie Brennan, repórter do *Sun Tattler* de Hollywood, embarcou para Orlando no avião de minha firma.

Descobri que Bill Frederick era ex-colega de universidade de David Hartman, apresentador do programa *Good Morning America*, da ABC, à época o programa matutino de maior audiência da emissora. Bill pediu que seu assistente organizasse conferência telefônica com o representante do programa em Nova York. Este não se

mostrou muito interessado, mas concordou em olhar a grande pasta de recortes de jornais que minha irmã Jane havia preparado.

Na primeira entrevista coletiva em Orlando, o comparecimento foi modesto. Apenas um repórter de jornal, três de rádio e um câmera de TV. Aproveitei ao máximo a oportunidade, repetindo o que já dissera um milhão de vezes, nos dez dias anteriores: que negociaríamos com qualquer pessoa para encontrar Adam.

Mais tarde, no almoço, Charlie Brennan reparou que Revé estava olhando para um cardápio. “Sei o que Adam escolheria”, disse ela. “Cachorro quente, batata frita e um refrigerante.”

Depois fomos de avião para Tampa, a outra coletiva no salão VIP. Quando nos preparávamos para sair, Revé atravessou o salão e foi até onde alguém tinha colocado uma coleção dos cartazes de Adam como “desaparecido”. Ela ergueu a mão e tocou de leve no rosto dele. Foi aí que Charlie Brennan não resistiu e chorou.

Aquele único dia de campanha pela Flórida abriu uma brecha. Mais pessoas passaram a saber do caso. E então tivemos ótima notícia: *Good Morning America* queria apresentar nossa história na terça-feira, 11 de agosto.

### **Sem esperança**

**A**NTES DO PROGRAMA, conhecemos as duas mulheres que iam aparecer conosco. Uma era Julie Patz, mãe do menino Etan, que desaparecera quando ia pegar o ônibus da escola em Nova York, dois anos antes, e nunca fora encontrado. Com ela estava

Kristin Cole Brown, diretora da organização chamada Child Find, fundada por determinada mulher cuja filha desaparecera há sete anos.

Quando minha mulher e eu fomos apresentados a elas, finalmente sentimos que tínhamos encontrado alguém que ia nos ajudar. No entanto, Kristin Cole Brown contou-nos que a Child Find – que eu julgava ser uma grande organização da Costa Leste – funcionava numa pequena sala, na casa de um dos membros. Foi mais uma daquelas terríveis revelações, como quando percebi que era eu o responsável pelo trabalho de busca por Adam.

Nossa apresentação na televisão estava programada para a manhã seguinte, às oito horas. Mas às cinco o telefone tocou.

Sinceramente, não me lembro quem era. Só me lembro de que alguém perguntava quem era nosso dentista. Num canal, na Flórida, fora encontrada uma cabeça decepada.

Procuraram formular o pedido de modo a não me causar pânico. Não achavam que fossem os restos mortais de Adam. Pensavam que poderia ser um menino desaparecido de Tampa. Entretanto, tinham de se certificar. Dei-lhes o nome do dentista de Adam.

Pouco depois que desliguei, recebemos outro telefonema, de um dos produtores do *Good Morning America*.

– John, soubemos que foram encontrados restos mortais que podem ser de Adam. Sei como isso deve ser difícil para você. Fique à vontade para cancelar a apresentação. Se quiser vol-

tar para casa imediatamente, podemos providenciar o voo.

Respondi que ninguém tinha certeza de que aquilo tivesse algo a ver com Adam e acrescentei: “Temos de fazer a apresentação. É a única oportunidade que temos de mostrar a foto de Adam na televisão nacional. E quero levar as fotos de várias crianças, para podermos divulgar o desaparecimento dos filhos de outras pessoas.”

Quando chegamos ao estúdio, todos foram muito gentis conosco. No ar, David Hartman fez a cobertura completa – divulgou a descrição de Adam, sua foto e também as fotos das outras crianças. Falei sobre os casos de outros pais.

Como todo bom jornalista, Hartman tinha de incluir a informação mais recente que tivera. Compreendi isso.

– John – disse ele –, hoje cedo fomos informados de que tinham sido encontrados restos mortais num canal perto de Vero Beach.

– Não creio que sejam de Adam – afirmei. – Mas seja como for, fizemos questão de comparecer ao programa. Por causa de todas essas outras crianças.

Revé estava sentada ao meu lado, sem dizer nada. Parecia que uma bomba tinha explodido dentro de sua cabeça. Não tinha dito a ela que estava apavorado. Desejava desesperadamente que não fosse Adam, mas tinha sensação horrível, de paralisção.

Mais tarde, todos desejaram boa sorte. “Estamos rezando por vocês.” Foram muito amáveis.

Agradecemos a todos e saímos do estúdio. Revé pareceu reanimar-se momentaneamente com a experiên-



*Após a morte de Adam, os Walshes empenharam-se na campanha de busca por crianças desaparecidas. Com fotos das crianças ao fundo, falam para a imprensa*

cia. Depois de tudo por que passáramos naquelas duas semanas, afinal tínhamos conseguido o impossível. Leváramos o rosto de Adam e sua história à televisão nacional, quando centenas e centenas de outros pais tinham sido recusados.

Revé, Kristin, Julie e minha irmã Jane resolveram comer. Queriam conversar, planejar estratégias.

– Vou voltar ao quarto para dar uns telefonemas – disse-lhes. Fui para o hotel, subi para o quarto e fiquei esperando.

Aí o telefone tocou.

– É o senhor John Walsh?

– É, sim.

– Senhor Walsh, sentimos imensa-

mente ter de lhe comunicar que os restos mortais encontrados ontem à noite foram positivamente identificados como de Adam.

### **Viagem de um amigo**

**A**S AUTORIDADES tinham perguntado se um amigo íntimo ou alguém da família poderia examinar os restos mortais encontrados no canal. Nosso bom amigo John Monahan ofereceu-se para ir por nós. Anos antes, eu salvara o filho dele, Johnny, que estava se afogando. Ele sentiu que, por mais difícil que fosse, era hora de retribuir o favor.

Quando recebeu o aviso, partiu para Vero Beach, acompanhado de um

detetive. Enquanto seu conversível branco seguia pela estrada de concreto em alta velocidade, os dois homens não falavam. John reunia forças, concentrando-se no que tinha de fazer.

Por fim, depois de uma hora e meia, chegaram ao local em que estavam guardados os restos mortais. John subiu a escada de madeira que parecia interminável, em direção a portas de vaivém arranhadas pelos técnicos, que as abriam com os pés. Painéis de vidro fosco nas portas deixavam entrar a luz, mas impediam a visão do que se passava lá dentro.

Ali, John reconheceu o cheiro de desinfetante e bactericida. A fria luz fluorescente se refletia nos azulejos de cerâmica. Fileiras de instrumentos de aço inoxidável estavam meticulosamente dispostas sobre os balcões. No centro da sala havia mesa de rodas, de aço inoxidável.

Um homem, com avental branco até os joelhos, dirigiu-se a John.

– Sente-se capaz de fazer isso? – indagou.

– Sim – respondeu John.

Então pegaram algo pequeno, embrulhado em toalhas brancas, como um recém-nascido. Colocaram na frente dele e desembulharam, com delicadeza. Era só o que restava de um pequeno menino.

Na véspera, dois trabalhadores das plantações de laranja caminhavam ao longo de um fétido canal de esgoto, perto da barreira de pedágio da Flórida, quando viram algo boiando na água.

A princípio, pensaram que fosse a cabeça de uma boneca em tamanho na-

tural mas, quando se aproximaram, perceberam o que era. O que tinham descoberto estava agora diante de John. Meu amigo olhou e depois pediu, sem fôlego, que abrissem a boca da criança.

Eles o fizeram. Ali, no pequeno intervalo, havia um dentinho nascendo. Foi nesse momento que soube. Não havia dúvida, a criança naquela mesa de autópsia era Adam.

Hoje, vários anos depois, John ainda sonha com aquilo. “O rosto de Adam”, diz, “aparece dormindo, no escuro. E por vezes, no sonho, Adam está usando o boné de beisebol vermelho.”

Onde antes houvera promessa não havia mais nada. Onde havia manancial infindável de esperança e futuro ilimitado, agora não restava nada.

## *Morte em vida*

**D**EPOIS QUE RECEBI a notícia, parecia que alguém enfiara imensa estaca de madeira em meu peito. Desabei. Não conseguia respirar. Pensei que teria um colapso cardíaco. Sentia que ia morrer.

Louco de dor, gritei e empurrei os colchões e arranquei os lençóis. Levantei-me e comecei a destruir os objetos. Quebrei um copo, esfaçalhei um quadro, atirei longe o abajur e derrubei a mesa a pontapés.

Alguém deve ter ouvido meus gritos, pois dois seguranças do hotel entraram no quarto.

– Senhor Walsh, quer que chame o médico? – perguntou um deles.

Creio que nem respondi. Gritava.

– Como vou contar à minha espo-

sa? Como vou poder contar a Revé?

Mas não havia ninguém que pudesse lhe contar. Tinha de fazê-la voltar ao hotel. Liguei para o restaurante e pedi para falar com minha irmã. Jane veio atender.

– Está tudo acabado. Não conte nada a Revé – continuei. – Eu conto. Traga-a ao hotel. Agora.

Revé lembra-se de que estava sentada no bar e Jane se ausentou rapidamente. Voltou dizendo-lhe que tinham de partir. Depois, lembra-se de ter voltado a pé, sabendo que ia ter más notícias. O tempo todo, mesmo subindo no elevador, Jane ficou afagando a mão de Revé e falando com ela.

– Tudo bem. Vai ficar tudo bem.

Quando chegaram a nosso quarto no hotel, abri a porta e dei a notícia.

– Nosso bebê está morto.

– Eu sei – disse ela.

JANE NOS DEIXOU a sós e, enquanto eu olhava para Revé, o espírito que a fizera ser quem era lentamente desabou dentro dela, como se todo o seu ser estivesse ruindo sobre si mesmo. Passou de menina a velha diante de meus olhos.

Não sabia o que fazer por ela, a não ser abraçá-la, segurá-la. Procurei consolá-la e ela tentou me reconfortar. Parecíamos dois animais feridos, agonizantes.

Não havia nada a dizer a não ser “Amo você”. E foi o que eu disse. Vezes e mais vezes.

O telefone tocou de novo. Dessa vez era o produtor de *Good Morning America*.

– John, tenho boas notícias. Todos

os programas de entrevistas querem vocês. Todas as emissoras de rádio. Havemos de encontrar Adam. Vamos espalhar o nome dele por toda a parte.

– Ele está morto – eu disse.

Não sabíamos aonde ir, nem o que fazer. Só sabíamos que tínhamos de voltar para casa. Levaram-nos de carro do hotel ao aeroporto. Parecíamos duas crianças desamparadas.

Quando pousamos no aeroporto de Fort Lauderdale, na Flórida, parecia que havia um milhão de luzes e câmeras em nossos rostos.

Eu não podia entender. O que aquelas pessoas queriam ver? Dois seres humanos destruídos, para o noticiário das seis?

Quando chegamos em casa, mal conseguimos alcançar a porta da frente. Havia repórteres espalhados pelo gramado, pela rua toda. Policiais tiveram de empurrá-los, para que pudessemos entrar em casa.

Atravessamos a soleira, sem o nosso filhinho. Não era mais um lar. Sem Adam, não era nada, só um prédio.

Aos poucos, depois de algumas horas, a imprensa afinal se retirou, alguns por sentimento de decência, outros porque simplesmente desistiram. Então ficamos apenas Revé e eu. Não dormimos. Deitamos no chão, chorando. Agarrados.

Por volta das quatro da manhã bateram à porta. Achando que poderia ser a polícia de Hollywood, dizendo que tinham apanhado um suspeito, abri a porta.

Lá estava certa mulher.

– Senhor Walsh, sou repórter e preciso de um comentário sobre o homicí-

dio de Adam nesta noite para as edições de amanhã. Meu editor disse que se não conseguir serei despedida.

A princípio fiquei ali parado, sem ter certeza do que tinha ouvido.

– O quê? O que foi que disse?

Aí entendi e fiquei desnortado.

– Vá dizer àquele covarde para vir aqui neste instante! Porque vou reduzi-lo a nada! Pegue seu bloco e saia do meu gramado! Dê o fora daqui e nos deixe em paz! Que inferno!

Alguns dias depois do ocorrido, Revé abriu a porta e encontrou outro tipo de visita. Era Jeremy, amiguinho de Adam. Adam pronunciava o nome dele como “Germy”. Jeremy perguntou se Adam podia sair para brincar. Tinha estado fora, num acampamento de verão, e ninguém tivera a oportunidade de contar a ele.

Revé explicou da melhor forma que Adam tinha morrido e que não estaria mais ali para brincar. Depois perguntou: “Jeremy, gostaria de ficar com a bicicleta de Adam?”

Quando ele disse que sim, Revé foi à garagem e encontrou a bicicleta. A polícia tinha espalhado pó nela, para procurar impressões digitais. Ela pegou uns trapos, limpou a bicicleta e levou-a para fora. Jeremy montou nela e saiu andando.

### **Motivo para continuar**

**D**EPOIS DA HOMENAGEM em memória de Adam, demos a última entrevista coletiva para agradecer à polícia de Hollywood e à mídia por toda a ajuda, assim como para demonstrar nossa gratidão aos milhares de pessoas que nos tinham aju-

dado, desejado o melhor para nós e rezado por nós e nosso filho. Então saímos da cidade.

Meu amigo Jeff O’Reagan tinha visto que eu estava me acabando. Convidou-nos para a bela casa de férias que a mulher, Karen, e ele tinham no norte do estado de Nova York. Depois da coletiva, fomos de avião para a casa dele, em Ítaca. Ficava à beira de um lago e era rodeada de bosques. Pela manhã, Jeff batia à nossa porta e entrava.

– Vocês vão se levantar e vamos pegar a canoa e remar – ordenava.

– Não consigo. Não posso fazer isso – dizia eu.

Ele me ignorava.

– Vamos – dizia. – Vamos.

À tarde, achava-me onde quer que eu estivesse.

– Vou me sentar aqui com você – ele me comunicava. – Só vou escutar.

E era o que fazia. Ficava me escutando durante horas e mais horas.

Dia e noite, só conseguia pensar em Adam. Revé e eu tínhamos levado uma foto dele, que pusemos no espelho em nosso quarto. Passávamos muito tempo deitados na cama, olhando para ele. Eu precisava de toda a energia mental que possuía para não ficar especulando sobre como deviam ter sido as últimas horas de Adam. Sabia que esse pensamento poderia destruir-me.

Havia sempre alguém batendo à nossa porta. Jeff de novo, para saber se estávamos bem e dizendo que era hora de levantar, mesmo que achássemos que não conseguiríamos. Jeff nos obrigava a comer, a ir aos lugares, a fazer coisas. Salvou minha vida.

Decidi que tinha de ocupar minha

mente. O *campus* da Universidade de Cornell não ficava muito longe da casa de Jeff. Certa manhã, fui até lá.

– Não sou aluno daqui. Mas estava pensando, será que posso usar a biblioteca? – pedi.

– Pois não, claro. Sabemos quem você é. Entre – responderam-me.

Eu queria saber sobre seqüestros de crianças – a frequência com que ocorriam e o que tinha sido feito para evitá-los. Passei horas na biblioteca,

## Próximo mês

# Um amor inesperado

Uma doença fatal quase lhe tirara a esperança. Mas não tentar era não amar... e isso se tornara impossível.



Fique de olho nestes e em outros artigos selecionados e condensados com o que há de melhor para sua leitura.

### SEGREDOS DA FORTUNA

Aprenda como os milionários de hoje acumularam riqueza.

### TREM DESGOVERNADO

Sem freios, a máquina descomunal dirigia-se com estrondo para a estação.

### QUE COINCIDÊNCIA!

Elas abrem as portas para um universo mais misterioso e turbulento do que ousamos imaginar.

examinando a coleção de microfilmes.

Uma das publicações que consultei foi o relatório anual do FBI sobre crimes. Fiquei abismado ao constatar que não havia estatísticas oficiais sobre abusos cometidos contra crianças, sobre crianças desaparecidas ou mesmo sobre seqüestros.

Encontrei alguns artigos de revistas sobre a investigação, feita pelo FBI, do desaparecimento de um cavalo de 500 mil dólares de um haras no Kentucky. O *bureau* justificava ter incluído o caso em sua jurisdição, dizia um porta-voz, "devido ao valor do cavalo" e à probabilidade de ter sido levado para fora do estado. Fiquei furioso.

Aquilo de que eu suspeitara o tempo todo era verdade: o *bureau* podia

investigar um caso de seqüestro – mesmo de um animal – sem pedido de resgate ou mesmo provas incontestáveis de que houvera transposição das fronteiras estaduais.

Voltamos a Hollywood no início de setembro. Louco para falar com alguém, liguei para o doutor Ronald Wright, médico-legista do condado de Broward. Ele havia me procurado antes e foi a primeira pessoa em quem confiei.

Certa noite fui procurá-lo no necrotério. Quase imediatamente ele disse: "Sua cara está horrível. Não está agüentando bem isso?"

Estava certo. Tinha realmente tentado levantar a cabeça, mas depois do que descobri sobre o FBI, encontra-

**ENDEREÇO?**

## Garanta que Seleções o acompanhará!

**PARA MUDAR SEU ENDEREÇO:** Escreva para a nossa Central de Atendimento 60 dias antes de sua mudança. Cole sua etiqueta de endereçamento, com o endereço antigo, na área azul, ou simplesmente preencha os campos abaixo:

CÓDIGO DO ASSINANTE

NOME COMPLETO

CEP ANTIGO

Envie este cupom para Reader's Digest  
Caixa Postal 13.750 - CEP 20217.970 - RJ

### NOVO ENDEREÇO

RUA/Nº

CIDADE  ESTADO

CEP  TEL

va-me amargurado e com raiva. Queria desesperadamente que alguém me dissesse: “Você vai sobreviver.”

Sabia que ele tinha visto muitos horrores como parte de seu trabalho.

– Como você agüenta? Tenho de saber – perguntei.

O doutor Wright respirou fundo, antes de responder.

– Acredito que existem o mal e o bem verdadeiros. Acredito que eu esteja do lado do bem. Quando faço autópsias e minhas provas ajudam a colocar quem merece atrás das grades ou no corredor da morte, sinto-me satisfeito. É assim que agüento – disse, e fez uma pausa, antes de continuar.

– Se permitir que o que lhe aconteceu o derrube, há de tornar-se a segunda vítima desse matador. Não deixe que isso aconteça. Creio que você é daqueles que têm a capacidade de praticar o bem.

Aquela conversa com Ronald Wright clareou minha mente. O ato cruel e hediondo de uma pessoa desumana poderia ter destruído Revé e a mim.

Em vez disso, transformou-nos.

## **Recomeçando**

**N**O DIA EM QUE MINHA mulher e eu voltamos da casa de Jeff para a nossa, havia 20 mil cartas esperando por nós. Orações e condolências, cartões de missas e comunicações de que tinham sido plantadas árvores em Israel em memória de Adam. Acabamos tendo de alugar um pequeno depósito para guardar tudo isso.

E ainda havia as cartas, cada dia em maior número, dizendo: “Posso com-

prender o que aconteceu com vocês porque aconteceu o mesmo comigo. Não sei o que fazer para ajudar, mas estou mandando dinheiro. Usem a seu critério.”

Foi nessa época que recebi um telefonema de Washington, do gabinete de Paula Hawkins, senadora pela Flórida. Quem falava era Jay Howell, conselheiro-chefe do subcomitê de investigações do Senado, presidido pela senadora, o qual começava a pesquisar a questão das crianças desaparecidas.

Jay disse que queria conversar comigo sobre um projeto de lei que propunha a Lei das Crianças Desaparecidas, apresentado à Câmara pelo deputado Paul Simon, de Illinois.

Tínhamos ouvido falar disso quando Adam ainda estava desaparecido. A lei exigiria que o governo mantivesse arquivo nacional sobre crianças desaparecidas ou mortas sem identificação. Paula Hawkins submetera à aprovação do Senado um projeto semelhante. Juntos, os dois projetos eram conhecidos como Lei das Crianças Desaparecidas. Entretanto, não haviam sido obtidos grandes progressos. Jay achava que, caso cooperássemos, conseguiríamos que o projeto fosse aprovado.

Revé e eu concordamos em ajudar.

Foi assim que, oito semanas depois da morte de Adam, prestamos depoimento diante do subcomitê do Senado.

– Parece que as pessoas acreditam no que vêem na televisão – disse eu. – Que quando uma criancinha desaparece, o FBI intervém imediatamente, a equipe da SWAT precipita-se sobre os

vilões e a vítima é encontrada. A triste realidade é o que aconteceu com Adam. Na maioria dos casos as pessoas não recebem nenhum apoio ou ajuda.

De volta a nossa casa, resolvemos fundar uma organização sem fins lucrativos. Numa declaração aos jornais locais, Revé comunicou que ia abrir o escritório para trabalhar em tempo integral, em favor das crianças desaparecidas.

Demos à nossa organização o nome de Centro de Extensão Adam Walsh para Crianças Desaparecidas. Seus três objetivos eram: fazer todo o possível para ajudar a senadora Hawkins a conseguir a promulgação da Lei das Crianças Desaparecidas, ajudar os órgãos da polícia a resgatar crianças seqüestradas ou desaparecidas, e oferecer recompensa de cem mil dólares por informações que levassem à prisão e condenação do assassino de Adam.

Enquanto Revé aprendia a dirigir a organização sem fins lucrativos, eu continuava a depor em Washington, em apoio à Lei das Crianças Desaparecidas.

Então, perto do Dia de Ação de Graças, cerca de quatro meses após a morte de Adam, descobrimos que Revé estava grávida. Quando nasceu nossa filha Meghan, parecia que o país inteiro comemorava nossa felicidade. Choveram cartas de pessoas pedindo fotos do bebê e de gente que estava feliz por saber que Revé e eu continuávamos juntos.

Lembro-me de estar na sala de parto, pensando: *Agora vou poder pegar num bebê e acariciá-lo. Posso voltar a contar histórias na hora de dormir.* Pela primei-

ra vez, desde que tínhamos perdido Adam, começamos a achar que enfim talvez conseguíssemos sobreviver.

Em outubro de 1982, 15 meses depois de perdermos Adam, o Congresso aprovou a Lei das Crianças Desaparecidas. Ela exigia que o FBI criasse categoria específica, em sua base de dados informatizada, para crianças desaparecidas e mortas sem identificação. E também que fosse permitido aos próprios pais registrar informações sobre uma criança desaparecida, caso algum órgão da polícia local se recusasse a fazê-lo. Pelo menos outros pais teriam algo que nós não havíamos tido.

Pouco depois recebemos um telefonema da Casa Branca, convidando-nos para a cerimônia da assinatura da lei, no Jardim das Rosas. Com nossa linda filha Meghan, sentamos bem na frente. Em seu discurso, o presidente Reagan mencionou “John e Revé Walsh, de Hollywood, Flórida”. Foi um dia glorioso.

Durante toda a cerimônia senti que Adam estava conosco. Fiquei pensando em como ele deveria estar orgulhoso. Percebi o que tínhamos realizado: um casal inconsolável, sem dinheiro nem influência, sem ninguém em quem se apoiar. Éramos pessoas interessadas e apaixonadas, mas sem qualquer poder real – e tínhamos ajudado a promulgar uma lei federal. Talvez pudesse ser o princípio de algo mais.

### **Filme da semana**

**P**OUCO DEPOIS de aprovada a Lei das Crianças Desaparecidas, foi ao ar reportagem sobre o homi-

cídio de Adam no programa *20/20* da ABC. O programa provocou muitas reações positivas dos espectadores. A diretora do segmento, Linda Otto, disse ao marido, Alan Landsburg, importante produtor de televisão, que queria fazer um longa-metragem sobre nossa história.

Ele concordou, mas sugeriu: “Vamos tentar um *Filme da Semana*.”

O filme *Adam*, feito para a televisão, estreou na programação noturna da NBC em 10 de outubro de 1983. No final, foi apresentada chamada com nomes e fotos de 55 crianças desaparecidas. Aqueles rostos foram mostrados em 40 milhões de telas de TV, em todo o país. Durante três dias, mais de cem telefonemas por hora chegaram ao número para ligação gratuita apresentado depois da chamada. Das 55 crianças desaparecidas, 13 foram localizadas e levadas de volta a suas famílias.

A essa altura eu estava quase arruinado financeiramente. Fraco e abatido, perdera mais de 13 quilos. Continuava a tentar manter participação no negócio, porém estava devastado pelo sofrimento e obcecado pelo trabalho em prol das crianças.

Ao mesmo tempo, recebia centenas de ligações por semana, de todas as partes do país, de pessoas que souberam do caso de Adam. Queriam ajudar o Centro Adam Walsh, queriam que eu falasse. Também havia muitos telefonemas de parlamentares estaduais, sobre programas e legislação em seus estados.

No outono de 1983, o Departamento de Justiça se propôs a financiar

novo centro para crianças desaparecidas, com a condição de que me mudasse para Washington e me envolvesse diretamente no seu funcionamento. Pelo trabalho, receberia pequena diária, correspondente a muito menos do que ganhava em minha sociedade, mas suficiente para manter a família.

Meu caminho estava traçado. Vendi aos sócios minha parte no negócio e dediquei-me em horário integral à causa das crianças desaparecidas. Logo estava viajando por todo o país.

Deu certo. Em 13 de junho de 1984, Revé, Meghan e eu voltamos à Casa Branca, dessa vez para a inauguração do Centro Nacional para Crianças Desaparecidas e Exploradas (NCMEC, do inglês *National Center for Missing & Exploited Children*), organização particular financiada pelo governo, fundada com verba de 3,3 milhões de dólares do Departamento de Justiça. O Centro Adam Walsh foi integrado ao NCMEC.

Tivemos mais boas notícias: Revé estava grávida de novo. Em dezembro de 1984 nasceu nosso filho Callahan.

Aqueles anos de intermináveis viagens e discursos são como névoa para mim. Não sei dizer que políticos conheci, nem quando. Só sei que com o correr dos anos falei diante de todas as legislaturas dos 50 estados, em apoio à lei para as crianças desaparecidas.

Sete anos depois da morte de Adam, recebi telefonema que tornou a mudar minha vida. Tom Herwitz, do canal de televisão Fox, pediu-me para apresentar um programa-piloto sobre crimes

em sua nova rede. Minha reação imediata foi dizer: “De jeito nenhum. Não sou uma celebridade.”

Já tinha participado de programas nacionais de entrevistas e de alguns documentários, mas isso era bem diferente de me tornar apresentador de programa semanal na TV nacional.

No entanto, não me livreii dele assim tão facilmente. Quando disse que não pretendia me mudar para a Califórnia com a família, garantiu que isso não era problema. O programa seria produzido em Washington.

Herwitz continuou a me pressionar. Muito insistente e lisonjeiro. “Já testamos todo tipo de gente, mas a escolha sempre recai em você.”

Ele achava que eu era o modelo do homem comum que tinha levado duro golpe do mundo do crime. E que, por isso, seria capaz de tocar os espectadores de modo que um ator de TV não conseguiria.

Não sabendo a quem recorrer para me aconselhar, liguei para Alan Landsburg e Linda Otto, que tinham produzido o *20/20* e *Adam*.

– Aceite – disseram. – Você vai pegar criminosos.

Antes de aceitar, expliquei tudo a Revé.

– Se eu traçar o perfil de criminosos na TV, temos de considerar a possibilidade de que algum psicótico tente nos atingir.

Revé não hesitou.

– Acho que deve ir em frente e fazer o programa – disse. – É o assunto com que estamos todos envolvidos.

E foi assim que surgiu o programa *America's Most Wanted* (Os mais pro-

curados da América). O programa é um sucesso e, de fato, conseguimos pegar fugitivos: 480 até hoje.

## O assassino de Adam

**E**MBORA EU tenha ajudado a levar grande número de autores de crimes hediondos a julgamento, para meu grande pesar, não consegui obter justiça para Adam.

Em outubro de 1983, houve muita publicidade quando jornais do país noticiaram que a polícia tinha encontrado o homem que matara Adam Walsh. Era um vagabundo de nome Ottis Toole, preso como suspeito de um incêndio criminoso fatal em Jacksonville, Flórida. Nessa ocasião, declarou à polícia ser o responsável por 35 a 50 mortes em todo o país – e que uma delas era a de Adam.

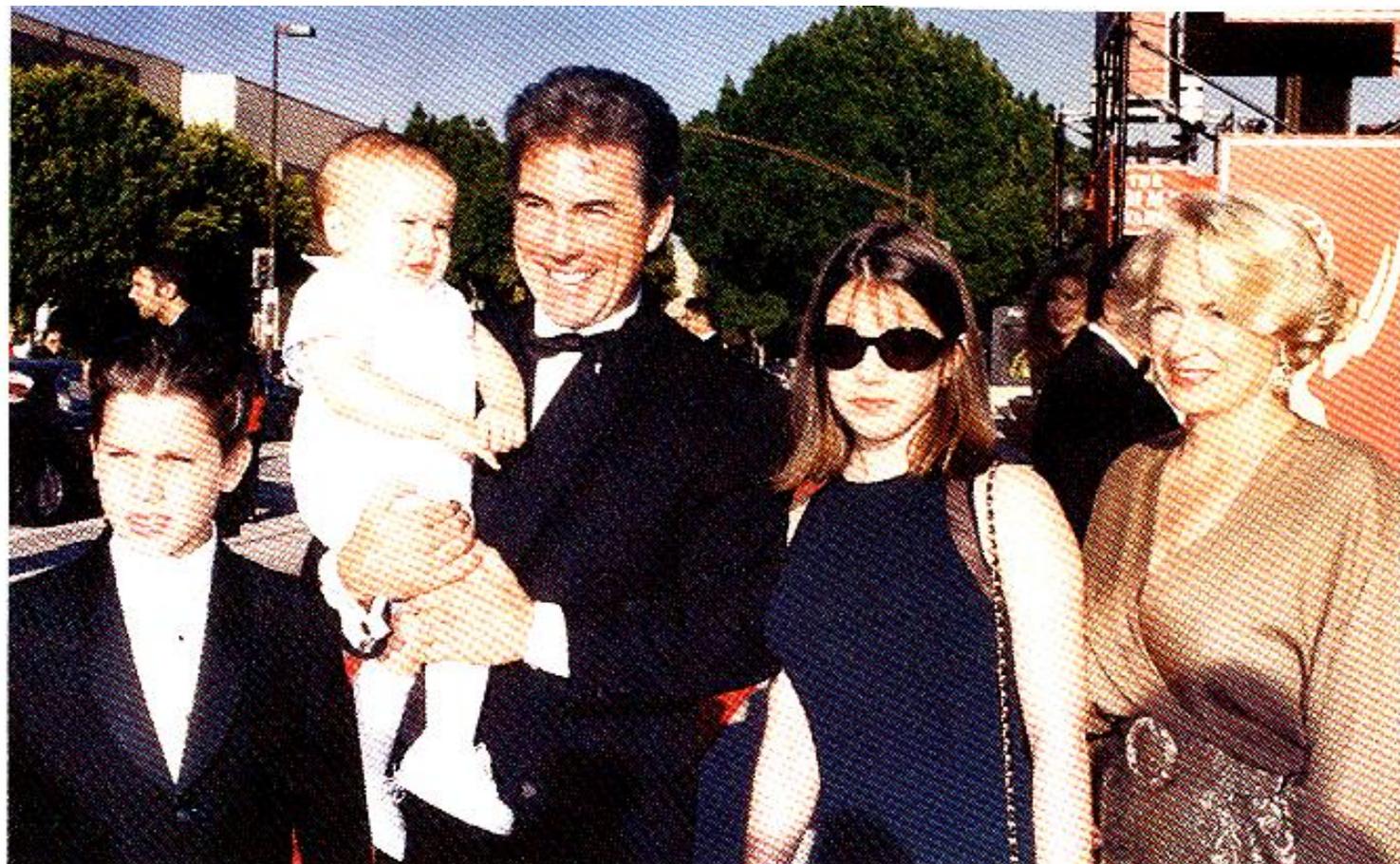
Toole confessara que apanhou Adam do lado de fora do centro comercial de Hollywood, atraíra-o para seu carro com brinquedos e balas e depois o matara.

Segundo o assistente do chefe de polícia de Hollywood, LeRoy Hessler, as histórias de Toole eram “medonhas e abomináveis, a ponto inverossímil”. A polícia de Hollywood comunicou que Ottis Toole seria acusado oficialmente do seqüestro e morte de Adam.

No entanto, passaram-se semanas. Meses. Anos.

Pensávamos sempre que a polícia estivesse trabalhando no caso e que poderia haver um motivo que ignorássemos para a demora. Mas Ottis Toole nunca foi indiciado.

Nunca tive explicação satisfatória sobre o porquê disso. Soube que Too-



*Momentos felizes: indicado ao prêmio Emmy por 'America's Most Wanted', Walsh comemora com toda a família. Da esquerda para a direita: Cal, Hayden, Meghan e Revé*

le refez sua confissão algumas vezes, sempre modificando a história. Quando a polícia de Hollywood levou Toole ao local próximo à barreira de pedágio da Flórida – onde ele disse ter enterrado o resto do que sobrara de Adam –, não conseguiu encontrar qualquer vestígio do menino.

Em 1996, resolvemos fazer episódio de *America's Most Wanted* revendo a investigação do homicídio de Adam. Para cobrir a história contratamos John Turchin, experiente repórter da estação WSVN de Miami.

Turchin descobriu a ex-segurança da Sears que tinha mandado Adam sair da loja naquele dia. Filmou entrevista com William Mistler, que se apresentara à polícia de Hollywood para dizer que tinha visto um homem num Cadillac branco levar um garoto para o carro, na

frente da Sears, no dia em que Adam foi seqüestrado.

Turchin contou que os guardas encontraram um Cadillac branco que Toole dizia ter usado para seqüestrar Adam, mas que o tinham levado para o ferro-velho. Foram retiradas do carro amostras dos tapetes ensangüentados, com as quais os técnicos da polícia poderiam ter feito testes de DNA. No entanto, as amostras também foram perdidas.

A seqüência dos fatos foi impressionante. Sua conclusão estava clara: as melhores provas obtidas até então ainda apontavam para Ottis Toole.

Por que nunca foi indiciado pelo homicídio de meu filho? A resposta simples é que a polícia de Hollywood nunca apresentou o caso para julgamento. Resposta mais complexa en-

volve conjecturas e – em última instância – julgamento.

A princípio, a polícia de Hollywood queria que o culpado fosse Jimmy Campbell. Se fosse, viraria grande manchete: “Amante da mulher matou Adam.” Só havia um pequeno problema. Não era verdade.

Depois que Campbell e todos nós passamos por testes no detector de mentiras, os policiais deviam ter pensado que havia a possibilidade de seqüestro por estranhos.

Mesmo que se encontrassem totalmente seguros de que a família estava envolvida, naqueles primeiros dias críticos deveriam ter tido boa vontade em observar outros fatos, e conduzido busca paralela.

Por que não insistiram quando Toole confessou? Talvez os policiais acreditassem honestamente que Toole não fosse o criminoso. Talvez estivessem fartos do caso. Talvez pensassem: “Toole está mesmo preso. Que diferença faz?”

Na ocasião de nossa transmissão, Toole estava na cadeia, cumprindo cinco penas de prisão perpétua por outros crimes – e nunca sairia de lá. Sabia que ele estava doente, com cir-

rose hepática e possivelmente AIDS.

Depositei esperança numa possível confissão no leito de morte. Era o que finalmente poderia esclarecer tudo.

No entanto, dois dias depois que meu programa de 21 de setembro foi ao ar, recebemos aviso do telefonista do programa. “Ottis Toole morreu”, disse a voz. “Há cinco dias, em Raiford.”

DESDE A MORTE de Adam, tenho procurado encontrar meio de lidar com a raiva e o desalento, com o sofrimento e a amargura, de modo que não seja destruidor, que produza alguma modificação permanente e positiva.

Creio que encontrei. Graças ao trabalho que tenho feito, há muita gente atrás das grades que merece estar lá. E há pessoas no corredor da morte que serão executadas. Elas também o merecem.

E o melhor: há crianças que hoje à noite estão seguras em casa graças a Adam Walsh. No meio da tortura que minha mulher, eu e nossos amigos sofremos, só o que eu desejava era certificar-me de que Adam não morreu em vão.

Hoje sei disso.



### ***Elogio inesperado***

AO CHEGAR AOS 40 ANOS e sentindo-me fora de forma, decidi comprar uma bicicleta e fazer exercícios. Quando entrei na loja, o vendedor jovem e de corpo atlético aproximou-se.

– Que modelos têm para uma coroa, com traseiro grande, que não anda de bicicleta há anos? – perguntei.

Ele nem sequer pestanejou:

– É melhor a senhora trazê-la aqui, e veremos o que se pode arranjar.